

SABRINA JEFFRIES



UM DUQUE PARADIANA

Escola de Debutantes



SABRINA JEFFRIES

UM DUQUE PARA DIANA

Escola de Debutantes

1



PRÓLOGO

Londres
Primavera de 1807

Depois de horas no baile mais vazio da cidade, nem sequer um cavalheiro tirara lady Diana Harper para dançar. Isso não a surpreendia. Tornar-se pária na alta sociedade significava passar todos os eventos sociais sentada em um canto, tomando chá de cadeira. Ela e a irmã mais nova, Verity, vinham tomando altas doses desse chá amargo.

Ainda assim, não dariam a ninguém a satisfação de ficarem em casa, escondidas. E daí que a mãe delas tinha causado um escândalo ao fugir com o general de divisão Tobias Ord? E daí que o pai, o poderoso conde de Holtbury, estivesse se divorciando por esse motivo? Não era culpa de Diana nem de Verity, então elas se recusavam a agir como se fosse. Em vez disso, iam a todos os eventos sociais a que eram convidadas.

Não eram muitos.

A irmã mais velha, a Sra. Eliza Pierce, tivera a sorte de já ser casada quando a mãe resolveu ir atrás da própria liberdade. Sempre que alguém lhe fazia uma crueldade, Eliza podia correr para os braços fortes do marido. Já Diana e Verity só podiam fingir que nada de ruim acontecera e desafiar a alta sociedade a atormentá-las por algo que *não era culpa delas*.

Diana suspirou. Quem sabe, se repetisse isso várias vezes, passasse a acreditar? Talvez, assim, finalmente elas fossem chamadas para dançar, em vez de serem forçadas a ficar num canto, vendo a própria juventude passar.

Deus do céu, estava melancólica! E, para piorar, aquela orquestra tocava alto demais, o que a deixava com dor de cabeça. Talvez fosse melhor ir para casa, onde, pelo menos, poderia escutar os próprios pensamentos.

Pela graça divina, a música terminou naquele instante. A amiga delas, a Srta. Isolde Crowder, se aproximou, com os cachos castanho-acinzentados balançando.

– Estou tão feliz por vocês terem vindo! Mamãe queria que a festa fosse um sucesso, mas eu sabia que era pouco provável.

Isolde e Diana tinham 20 anos e a amizade entre elas começara ao embarcarem juntas em sua primeira temporada de eventos sociais. Estavam na segunda e, a julgar pelo andar da carruagem, ambas precisariam de uma terceira. E uma quarta, quinta...

Diana não queria pensar naquilo. Isolde deixara de fisgar um marido no ano anterior não por conta de algum escândalo, mas por ser da cidade. Casar-se com uma mulher da cidade, mesmo rica, não era algo em voga. Diana não tinha conseguido ninguém por causa dos boatos sobre as traições de seus pais.

E Verity tinha acabado de ser apresentada à rainha e de debutar em seu primeiro baile quando a pista de dança lhe foi tirada, por assim dizer, por causa da fuga da mãe delas. Aos 19 anos, fora condenada e excluída dos círculos sociais. Não era justo.

Verity ergueu uma sobrancelha.

– Fiquei surpresa por sua mãe nos querer aqui, considerando a nossa fama.

O toque de amargura na voz dela fez com que Diana se lembrasse que a irmã tinha motivo para ser amarga, já que perdera um bom pretendente por causa do comportamento dos pais.

– Ela não queria, mas ameacei não vir caso não convidasse vocês três – contou Isolde, indignada.

– Você é uma boa amiga, Isolde, e nós somos gratas – disse Diana. – Infelizmente, todas as outras pessoas acham que fomos maculadas pelo pecado da nossa mãe, como se tivéssemos entrado naquela carruagem com ela.

– Espero que a situação não seja tão ruim quanto parece – comentou Isolde, sempre otimista.

Diana abriu um sorriso malicioso.

– Nós duas sabemos que a temporada de Verity e a minha ainda não deram os frutos esperados.

Uma dama que estava por perto riu, o que chamou a atenção de Diana. Era a segunda vez naquela noite que percebia a mulher entreouvindo suas conversas. Diana não a conhecia, mas, como não havia outra pessoa por perto, só podia estar rindo do que ela dissera.

Diana não podia nem imaginar por quê.

– Melhor mudarmos de assunto.

Deu as costas para a dama e apontou para o traje de Isolde, um vestido de seda cinza com uma sobreposição em renda prateada e lindas manguinhas bispo com acabamento de fita.

– Seu vestido ficou ótimo. Combina com você.

Isolde abriu um sorriso para a amiga.

– Obrigada por desenhá-lo. Tenho certeza de que foi graças a ele que fui tirada para dançar tantas vezes esta noite. Se tivesse deixado nas mãos da mamãe, eu estaria com um vestido de cetim amarelo com enormes flores cor-de-rosa cobrindo o meu... colo.

– Meu Deus! – exclamou Verity. – Isso seria horrível!

A dama ao lado começou a rir, e Diana se lembrou de quanto ela e as irmãs eram vigiadas nos últimos tempos.

– Verity – chamou Diana, baixinho. – Essa não é uma conversa apropriada para uma jovem dama.

– Enormes flores cor-de-rosa cobrindo o colo também não são algo apropriado para uma jovem dama – rebateu Verity, de mau humor. – Graças a Deus você interferiu. Até eu sei que Isolde ficaria deplorável com aquele tom. O amarelo é perfeito para mim, mas...

Ela pediu desculpas à amiga com um sorriso.

– A sua pele branquíssima ficaria muito pálida.

– Na certa a modista teria convencido sua mãe a mudar de ideia – comentou Diana.

– Duvido – retrucou Isolde. – Mamãe é a dama que mais encomenda vestidos na loja da Sra. Ludgate, então a modista nunca ousaria contrariá-la. *Eu* mal consigo contrariá-la. Ela é muito teimosa.

Isolde tocou seu colar de contas de azeviche.

– Por falar nisso, nem pude perguntar o que ela achou do meu colar, porque não confio no gosto dela.

– Com razão – murmurou Verity.

Isolde fingiu não ter escutado a amiga.

– Mas quero que me digam se o colar combina com meu vestido.

– Combina muito – assegurou Diana. – E a sua bolsinha é perfeita. As fitas de seda cinza e pretas contrastam bem com a renda brilhosa. Como sempre, você tem muito mais bom gosto do que imagina.

– Obrigada – disse Isolde, corando de leve. – Que alívio!

Ela se virou para Verity.

– Tentei implementar suas ideias de decoração, mas mamãe...

Ela arregalou os olhos.

– Ah, meu Deus, ela me viu. É melhor eu ir conversar com os outros convidados ou ela não vai parar de falar sobre isso nunca mais.

Quando Isolde se afastou, Verity soprou os cachos castanho-dourados da própria testa.

– Está tão quente aqui!

Pegou o leque de Diana e começou a abanar o colo imaculado.

Diana balançou a cabeça.

– Eu avisei para não usar veludo na primavera. Nesta época do ano, o clima é imprevisível.

– Mas eu gosto de veludo.

– E eu gosto de pais que não estão em uma guerra pública um com o outro, mas nem sempre conseguimos o que queremos.

Diana olhou para a frente, ignorando a senhora que as encarou e fingiu não conhecê-las.

O semblante da irmã se fechou.

– Enfim, agora que me livrei de lorde Minton, estou decidida a vestir o que eu quiser. Ele odiava veludo, então eu não usava. Nunca mais farei algo assim por um homem. O que consegui com isso? Vou usar o que bem entender. E que se dane o que os outros pensam.

– Você não deveria praguejar.

– Vou praguejar se tiver vontade. Você deveria fazer mais isso. Acredite em mim, é libertador.

Verity espirrou e então apontou com o leque de Diana para os enormes arranjos de lírios, glicínias e rosas colocados a cada três metros.

– A mãe de Isolde faz o que quer e consegue tudo o que quer. Por que eu não posso? Sinceramente, quem pensaria em juntar essas três flores? O cheiro fica forte demais.

– Talvez ela quisesse amenizar o cheiro das tortas de salmão.

– Você não comeu nenhuma, comeu? – perguntou Verity, preocupada. – Só de sentir o cheiro, eu saí correndo.

– Não cheguei nem perto. Confesso que fiquei decepcionada com os biscoitos também. Estão enjoativos de tão doces. Só os de amêndoa se salvam. Isolde me disse que ela mesma os escolheu. São os preferidos dela.

– Não comente com Isolde, mas, exceto pelos biscoitos de amêndoa, acho que a comida deixou a desejar. As perdizes assadas estavam muito secas, as empadas de caranguejo, molhadas demais. E, apesar de o manjar ter ficado lindo com formato de cesta de frutas, tinha gosto de alho. Fico arrepiada só de pensar nos ingredientes.

– Alho, talvez? – sugeriu Diana. – Acredite em mim, Isolde tentou dar conselhos à mãe sobre tudo neste baile, mas a mulher não ouve. Pobre Isolde... ter uma mãe como essa...

– Nada de pobre Isolde. – Verity balançou a cabeça. – Ela deixa isso acontecer. Deveria enfrentar a mãe.

– Da mesma forma que enfrentamos o papai?

– É diferente. Ele é homem.

– Verdade.

Um homem de quem elas dependiam. Diana amava o pai, mas, às vezes, ele era tão rigoroso que ela queria gritar. Porém não ousava. Ele tornava a vida delas um inferno quando queria provar algo – em geral, que sua forma de resolver as coisas era melhor.

Era o que ele vinha fazendo, ao buscar o divórcio. Tentara fazer com que a esposa se envergonhasse de seu comportamento e voltasse para casa, mas ela estava a par do que metade da sociedade também sabia: que o marido não se comportava como

um homem casado. Ao mesmo tempo, algumas pessoas diziam que Diana tinha os mesmos olhos castanhos, o cabelo ruivo horroroso e as sardas do primeiro amor da mãe. Era a única na família com esses traços.

Ainda assim, esse boato com certeza era falso. Ela *esperava* que fosse, pelo menos. Se era verdade, o pai nunca deixara transparecer. Era igualmente duro com todas as filhas. E a mãe nunca falara nada a respeito. Às vezes Diana se perguntava...

Verity olhou para o salão.

– Só estou dizendo que Isolde deveria ser mais segura quanto à própria opinião. Ela é inteligente e bonita. E tem um ótimo gosto para roupas quando não dá ouvidos à mãe. Se a mãe dela não a levasse pelo caminho errado... e Isolde não aceitasse... ela já estaria casada, eu diria.

Eliza se juntou a elas.

– Concordo. Isolde seria um tesouro para qualquer homem.

– Não está dizendo isso só porque ela aceitou seu conselho sobre o cabelo, está? – indagou Verity.

– Não.

Eliza sorriu.

– Eu fiquei feliz de verdade em ajudá-la com o penteado. E muito satisfeita por ela ter escolhido a minha ideia de usar um arranjo de fitas em vez do turbante. Ela é jovem demais para usar turbante em um baile.

A música começou de novo, ainda mais alta do que antes. Eliza fez um gesto para que as irmãs a acompanhassem até a varanda.

– Ah, muito melhor – disse Diana, enquanto iam para a outra ponta da varanda, bem longe da porta. – Eu juro que meus tímpanos estavam estourando.

Eliza assentiu.

– Qualquer pessoa que contrate vinte músicos para tocar quando três seriam suficientes não deveria ter permissão para dar um baile.

Ela suspirou.

– Isolde merece mais do que isso. A Sra. Crowder é o exemplo perfeito da regra que diz que não se deve fazer algo só porque você *pode*.

– Devo salientar que, infelizmente, a mamãe é outro exemplo disso – acrescentou Verity. – Por que ela não podia esperar até que todas nós estivéssemos casadas para fugir e forçar o papai a pedir o divórcio?

– Tenho certeza de que ela diria que foi porque estava apaixonada – opinou Diana. – Embora eu desconfie que foi mais porque ele era um viúvo bonitão e ela ficou com medo de que outra mulher o conquistasse antes.

Alguém deu uma tossidinha. Assustadas, elas se viraram e perceberam que a dama que estivera escutando a conversa delas as seguira até a varanda.

– Sei que isso não está de acordo com as regras de etiqueta – disse ela, com um sotaque que Diana não conseguiu reconhecer –, mas eu gostaria de me apresentar. Sou a nova esposa do conde de Sinclair. Suponho que sejam as três filhas de lady Holtbury, certo?

Apesar de desconfiar do motivo da pergunta, Diana fez as apresentações.

– Muito prazer em conhecê-las – disse a condessa, abrindo um sorriso genuíno. – Garanto que nem todos estão contra vocês. Eu mesma acho uma pena que sejam julgadas pelos erros de sua mãe. De toda forma, não pude deixar de escutar a avaliação de vocês sobre este baile e gostaria de saber como teriam melhorado a situação.

Ela piscou para Eliza.

– Além de contratar menos músicos.

Eliza ficou com as bochechas coradas, então Diana logo disse:

– A senhora deve estar nos achando muito rudes por criticar um evento para o qual fomos convidadas de forma tão generosa...

– Nem um pouco. Concordo com tudo o que disseram. E vou além.

Lady Sinclair fechou a porta que levava ao salão de baile.

– Na verdade, ficaria muito grata se me fizessem companhia e respondessem a algumas perguntas. Tenho que dar um baile em breve, sou americana e nunca fiz nada parecido em Londres. Conselhos seriam muito bem-vindos. Por exemplo, lady Diana, que traje escolheria para que eu usasse em minha festa?

Diana decidiu ser cautelosa.

– Pelo que me parece, a senhora já tem muito bom gosto para roupas. Seu vestido de musselina e seu xale xadrez são muito elegantes e combinam com seu estilo.

– Isso porque foi minha criada que montou todo o meu figurino para esta noite. Mas, na semana passada, ela escolheu uma gola elisabetana para acompanhar um vestido diurno. Até eu sei que não tenho pescoço para aquilo.

Diana relaxou.

– Ninguém tem pescoço para uma gola elisabetana, nem mesmo a própria Elizabeth I.

Ela olhou para o corpo esbelto e o pescoço comprido da irmã.

– Bem, talvez Verity. Mas nenhuma outra pessoa que eu conheça.

– De toda forma – disse a condessa –, não posso confiar no meu gosto nem no de minha criada. Ela é muito nova e muito escocesa. Ainda estou aprendendo a lidar com os escoceses. E com os ingleses também.

– Se a senhora está em busca de alguém que lhe dê conselhos sobre moda – disse Diana –, eu ficaria muito feliz em ajudá-la. Minha vida social não está muito agitada atualmente.

E seria bom para a Sra. Ludgate ter uma cliente de vulto como lady Sinclair.

– Eu adoraria! – exclamou a condessa. – Mas, antes de começarmos nossos planos, gostaria de fazer uma pergunta à sua irmã. Lady Verity, se a senhorita pudesse mandar na cozinha, o que serviria?

Verity, a quem nunca faltara autoconfiança, respondeu de forma audaciosa:

– A família Crowder é rica o bastante para oferecer vários pratos, então as *minhas* escolhas seriam uma variedade de frios fatiados, incluindo carne assada de veado e de peru desfiado, torta de lagosta, bolinhos da Vestfália, diversos tipos de conserva...

– Nada de cebolas assadas e torradas com anchovas, como a cozinheira da Sra. Crowder está servindo? – indagou a condessa.

– Decerto que não.

Verity se inclinou para chegar mais perto de lady Sinclair.

– Quem quer ficar com hálito de cebola ou anchova ao cortejar alguém? As damas até conseguem evitar essas comidas nos bailes, mas os cavalheiros nem sempre pensam da mesma forma. Eles comem de tudo, sem o menor cuidado com o cheiro que exalarão depois.

A condessa parecia segurar o riso.

– Verdade. E o que são esses bolinhos da Vestfália?

– Existem diferentes receitas, mas, basicamente, a massa é feita de purê de batata misturado com ovos, manteiga e leite, então moldamos bolinhos e fritamos. Podemos colocar pedacinhos de bacon ou queijo também.

– Parecem deliciosos! – comentou lady Sinclair. – E para a sobremesa? Precisamos de sobremesas: lorde Sinclair é uma formiguinha. O que a senhorita sugere?

– Talvez a senhora não saiba – respondeu Verity –, mas a confeitaria Gunter's fornece doces, sorvetes e tortas para eventos como o seu. São muito populares nos bailes.

– E acredito que muito caros – acrescentou a condessa em um tom irônico.

– Desculpe-me – disse Verity, preocupada. – Isso seria um obstáculo? Posso sugerir outros doces se a senhora preferir.

Lady Sinclair riu.

– Segundo meu marido, não seria o menor obstáculo. Mas as senhoritas sabem como são os homens: preferem pagar menos se puderem.

Ou conseguir o dinheiro de alguma outra pessoa.

No momento, no processo de divórcio, o pai delas tentava forçar o general de divisão Ord a lhe pagar uma soma considerável por alienação de afeto. Era sua forma de se vingar. Mas nenhum dos pombinhos parecia se importar com essa retaliação. O militar era riquíssimo, então as exigências do pai delas não seriam uma vingança tão grande assim.

– Bem – disse a condessa, parecendo perceber o silêncio de Diana. – Eu adoro os sorvetes da Gunter's, ainda mais no verão. São muito refrescantes.

– São mesmo – concordou Verity e sorriu. – Eu poderia negociar com os donos em seu nome, lady Sinclair, se a senhora

quiser contratá-los para seu evento.

– Que coincidência a senhorita mencionar isso. Veja, embora seja muito útil receber os conselhos de vocês três, prefiro *contratá-las* para planejar todo o evento.

Ela abriu um sorriso acanhado.

– Principalmente porque ele acontecerá daqui a duas semanas.

Eliza perdeu o ar, Verity sorriu e Diana fitou a condessa, boquiaberta.

Diana foi a primeira a falar.

– A senhora sabe que... bem... não seria muito bem-visto aceitarmos pagamento por ajudá-la.

Lady Sinclair piscou.

– Ah! Claro. Eu me esqueci que a sociedade inglesa não aceita esse tipo de coisa. Mas a verdade é que não tenho a quem recorrer. Meus criados são novos ou acostumados apenas a cuidar da casa de um solteiro, e meu marido não tem mulheres da família por perto. Nem eu... não na Inglaterra.

Diana se apressou em tranquilizá-la.

– Não estou dizendo que não ficaríamos encantadas em ajudá-la, só que não podemos aceitar receber por isso. A senhora entende?

– Fale por si mesma – retrucou Verity e devolveu o leque de Diana como se fosse sair naquele momento para ajudar lady Sinclair. – Fico feliz em aceitar qualquer tipo de pagamento, contanto que tenha carta branca para decidir tudo na cozinha para o jantar do baile.

– Verity! – exclamou Diana. – Papai nunca mais falaria conosco.

– E isso seria ruim? – Verity deu de ombros. – Além do mais, ele nem vai perceber – acrescentou ela, e então seu tom se tornou mais duro. – Está ocupado demais tentando destruir o general Ord.

Diana estremeceu ao escutar a perspectiva fria, porém precisa, da irmã.

– Basta.

Ela se virou para a condessa.

– Se a senhora não se importar, preferimos discutir isso a sós antes de tomarmos uma decisão. Moramos na Hanover Square. Se a senhora puder nos visitar amanhã, teremos uma resposta sobre o

pagamento. Creio que falo por mim e por Verity quando digo que ficaríamos muito felizes em ajudá-la, com ou sem remuneração. Não temos exatamente muitos homens nos tirando para dançar, nos visitando ou convidando para festas. E os que fazem isso têm certas expectativas...

Verity ergueu uma sobrancelha.

– Digamos que eles supõem que sejamos como a nossa mãe... inaceitáveis para nos tornarmos esposas, mas adequadas para papéis menos respeitáveis – explicou a caçula. – Tenho certeza de que a senhora entende.

– Infelizmente, entendo.

Os olhos azuis de lady Sinclair faiscaram de indignação.

– Alguns homens querem colocar qualquer jovem bonita nesse tipo de papel... se conseguirem.

Ela olhou para Eliza.

– Mas pelo menos uma de vocês conseguiu um casamento respeitável.

– Sim, foi antes do incidente.

Como a condessa pareceu não entender, Diana se apressou em explicar:

– É assim que nos referimos à fuga da nossa mãe com outro homem. Como uma amiga minha disse, “mamãe é casada, mas está namorando”.

– Entendo.

Lady Sinclair encarou Eliza mais uma vez.

– Gostaria de se juntar às suas irmãs, Sra. Pierce? Eu certamente precisarei dos seus conselhos musicais.

– O dinheiro me seria muito útil – respondeu Eliza, baixinho.

Isso surpreendeu Diana. Desde quando Eliza e o marido tinham começado a ter dificuldades financeiras?

– Então, sim, eu ficaria encantada – acrescentou a irmã mais velha.

A condessa sorriu como se o fato de elas concordarem fosse uma conclusão inevitável.

– Bem, já me demorei demais longe do meu marido. Vejo as senhoritas amanhã de manhã.

E, com isso, a condessa se encaminhou para a porta.

Diana se virou para as irmãs.

– Não posso acreditar que pretendem receber dinheiro para fazer isso.

Verity estreitou os olhos.

– Por acaso não pensou que, por causa do incidente, talvez nós nunca consigamos nos casar? Nossas únicas opções seriam morar com papai ou nos tornarmos governantas. Que divertido! – acrescentou ela de forma ácida. – Ou, pior, podemos acabar como acompanhantes de matronas idosas que vão nos dar sermões sobre moralidade e falar mal de nossa mãe.

– Papai vai nos sustentar enquanto precisarmos – opinou Diana, determinada a não pensar nas outras opções.

– Até depois que ele se casar? Você sabe muito bem que, assim que conseguir o divórcio, ele vai se casar com outra mulher; ainda precisa de um herdeiro. Vai encontrar alguma jovem corpulenta e logo nós seremos as solteironas que vão cuidar dos filhos da nova esposa dele.

– Você *precisa* parar de ler esses livros góticos, Verity – repreendeu-a Diana. – Nós não moramos em um castelo sombrio e papai não é um vilão cruel que nos maltrata.

– Não, ele é pior – intrometeu-se Eliza. – Ele é o pai de *A Bela e a Fera* que aceita que a filha fique em seu lugar como “convidada” da Fera. Fingir que nada acontece e não defender a própria família é um ato de vilania. Onde está nosso pai quando precisamos dele? Indo ao tribunal para lavar roupa suja na frente de todos. Quem está sofrendo com isso? Vocês duas. E eu, do meu jeito. Deus sabe que a mamãe não. Ela provavelmente está se divertindo como nunca.

Algo no tom desesperado da irmã fez com que Diana sentisse a dor dela. Para todas as outras pessoas, Eliza parecia a esposa perfeita e feliz. Mas Diana tinha percebido que o sorriso da irmã era forçado, que seus olhos azuis estavam preocupados e que suas palavras eram amarguradas. Será que Eliza estava tendo problemas por causa da mãe delas?

Diana descobriria a razão daquilo. Eliza merecia o melhor que o mundo podia oferecer.

– A propósito, eu ia comentar mais cedo como você está linda hoje.

O cabelo brilhoso de Eliza estava preso com uma fita delicada no tom exato de marrom que acentuava o louro de suas madeixas. O vestido de seda rosa valorizava sua forma de ampulheta e seus sapatos lhe acrescentavam os centímetros de que tanto precisava. Claro que Diana escolhera o traje de Eliza – moda era sua paixão. Mas a joia de ouro parecia presente do marido, pois Diana não reconheceu a peça intrincada e ficou surpresa de ele ter comprado algo tão romântico.

– Eu me sinto chamativa, interessante demais – resmungou Eliza.

As irmãs se aproximaram mais dela.

Verity foi a primeira a perguntar:

– Você está esperando?

– Esperando quem?

Eliza levou alguns instantes para entender a pergunta.

– Ah, se estou grávida? Não. Nada disso – respondeu ela, então suspirou. – E acho melhor contar logo, já que vão descobrir em breve. Aparentemente, sem me consultar, meu marido decidiu ir para a guerra. Ele adquiriu uma patente de oficial e pretende se juntar ao seu novo regimento em Portugal o quanto antes. E *não* quer que eu o acompanhe, mesmo sendo permitido.

– Faz sentido.

Diana pegou as mãos da irmã. Seu coração palpitava só de pensar na doce Eliza seguindo o marido para a guerra.

– Seria perigoso. Ele está pensando em você.

– Está mesmo? Três anos de casado e ele não vê a hora de me deixar.

– Para servir ao país – destacou Verity. – É muito nobre, pelo menos.

– Talvez. Mas ele não disse que esse é o motivo. Nunca se interessou em ser oficial. Com a posição dele, poderia ter feito isso antes. A única razão em que consigo pensar é que ele odeia o escândalo e a fofoca que nos cercam. Ele garante que não é por isso, mas...

– Você deveria escutar o que ele diz – aconselhou Verity e abraçou a irmã. – Além disso, o motivo não importa. Só o que importa é que estamos aqui para apoiá-la sempre que precisar.

– Eu agradeço.

Eliza estava à beira das lágrimas.

– A casa ficará muito solitária sem ele. Não sei como vou suportar.

– Se continuarmos ajudando damas com os eventos sociais – disse Diana secamente –, teremos que ir morar com você para o papai não ver.

O rosto de Eliza se iluminou.

– Que ideia brilhante! Será muito mais fácil coordenar os planos se estivermos todas sob o mesmo teto.

– Eu falei de brincadeira, Eliza – disse Diana.

– Mas nós poderíamos fazer isso, não é? – indagou Verity. – Seria fácil convencer o papai de que Eliza precisa de nós, já que o Sr. Pierce vai para a guerra.

– Ah, sim – disse Eliza. – E, desde que me casei, aprendi muito sobre como administrar a casa e as contas. Não deve ser tão mais difícil administrar um negócio. Podemos até cobrar taxas altas, assim só trabalharemos para clientes de quem gostarmos ou conhecermos pessoalmente.

– Exato! – exclamou Verity. – Além disso, a alta sociedade só dá valor ao que lhe custa rios de dinheiro. Quanto mais alto o nosso preço, mais vão querer nos contratar. E, se Eliza vai precisar viver com a renda de um oficial, o dinheiro será útil.

Diana fechou a cara para as duas.

– Verity, você não percebe que, uma vez que nós começemos a fazer isso, se nós fizermos, não teremos como voltar atrás? Não haverá mais temporadas, não teremos mais chances de encontrar um marido respeitável.

A jovem bufou.

– Como se tivéssemos alguma esperança agora. Além do mais, perdi a vontade de ir a bailes só para tentar conversar por uns instantes com algum homem ou, quem sabe, dançar. Prefiro mil vezes encher o cofre para meu futuro como uma grande dama da sociedade, dando meus conselhos para as damas que eu considerar dignas deles.

Ela lançou um olhar malicioso para Diana.

– Admita que seria uma ótima vingança contra todas as matronas da sociedade que estão virando a cara para nós. Lady Sinclair se ofereceu para nos pagar. Por que não aceitar?

Porque Diana temia se arrepender. Ainda que o canto da sereia que falava de uma chance de independência, de viver como bem entendesse, fosse uma forte tentação.

– Suponho que, se quisermos manter nossa posição atual, podemos doar os lucros para a caridade.

– Isso! – disparou Eliza e seu rosto mostrava toda a sua empolgação. – Eu não precisaria de muito para mim. O restante poderia ir para as instituições de caridade que escolhermos.

Às vezes Diana entendia por que a mãe se cansara de ficar sob as asas do pai, presa a ele: todos os afazeres domésticos dela tinham recaído sobre Diana e Verity. Se elas fossem embora também, conseguiriam escapar das constantes críticas e das exigências sem fim do pai. Estariam em outra casa – supondo que Samuel Pierce permitisse que as cunhadas fossem morar lá.

E por que não? Isso manteria Eliza ocupada enquanto ele estivesse na guerra e ele ficaria mais tranquilo por saber que haveria alguém para cuidar de sua esposa, já que ela teria as irmãs por perto.

Aquela era a questão principal. Eliza precisava delas. Como poderiam recusar?

– Muito bem – anunciou Diana. – Podemos, pelo menos, fazer uma experiência e ver como nos saímos nesse trabalho.

Naquela noite, nasceu a Ocasiões Especiais.

CAPÍTULO UM

Londres
Primavera de 1811

Geoffrey Brookhouse, o novo duque de Greenwood, abaixou a janela da carruagem e colocou a cabeça para fora a fim de ver melhor a ponte Putney, que estava com tráfego lento. Toda vez que ia de seu chalé de caça em Richmond Park para Londres, ele cruzava o rio Tâmisa por uma ponte diferente, para que pudesse examinar sua engenharia. Infelizmente, aquela seria a última viagem dessas que ele faria por um longo tempo. Estavam de mudança para a Casa Greenwood, em Londres.

Determinado a observar cada pedacinho da ponte, ele foi para o outro lado da carruagem e olhou para fora. Enquanto se maravilhava com a forma como a estrutura de madeira se mantinha havia mais de oitenta anos, sua irmã, Rosabel, que era muito tímida, limpou a garganta. De novo.

Com relutância, ele parou de se perguntar por que os engenheiros tinham usado 26 arcos em um rio que tinha um tráfego regular de embarcações.

– Precisa de alguma coisa, Rosy? – perguntou ele, continuando a olhar para fora.

O apelido carinhoso pareceu deixá-la mais tranquila. Foi quando a mãe deles, também sentada em frente ao duque na carruagem, resolveu interferir.

– Ela precisa de toda a sua atenção, filho.

Maldição.

– Que seja.

Ele se recostou e fitou Rosabel.

Com 19 anos, ela era uma mulher em todos os sentidos. Mas, sendo onze anos mais nova do que ele, ainda lhe parecia uma criança, a garotinha de cachos pretos e olhos verdes que dava risadinhas enquanto ele a empurrava em uma miniatura de carruagem pela casa. Não ajudava nada o fato de ela estar usando um daqueles vestidos de musselina branca que sempre o faziam pensar em camisolas de batizado e inocência.

Ela fora protegida desde o nascimento, ao passo que *ele* tinha sido motivo de desavença entre seu falecido pai e seu falecido avô materno – Josiah Stockdon, dono da maior siderúrgica da Inglaterra. Pai e avô brigaram sobre o futuro dele, até que o avô venceu.

Geoffrey não se arrependia nem por um segundo de ter escolhido o caminho do avô, mas, se soubesse naquela época o que sabia agora...

Não teria feito diferença. Só teria feito com que lutasse com mais afinco para proteger sua irmãzinha da catástrofe que se assomaria sobre eles se alguém descobrisse...

– Não quero ir – disse Rosy, baixinho.

– Ir aonde? – perguntou ele.

– A esse lugar, a Ocasões Especiais.

Os dedos dela brincavam com a barra de renda branca do vestido.

– Elas vão falar de mim pelas costas, como todo mundo faz...

– Elas não ousariam. E, de qualquer modo, eu não permitiria. Seu irmão é um duque agora, lembra?

– Você já era duque no concerto da semana passada e não adiantou, não é mesmo?

Ele suspirou, lembrando-se dos sussurros e olhares condescendentes. Para a sociedade de Londres, ele não era exatamente um duque. Com certeza não se encaixava no grupo. Por isso, entendia como a irmã se sentia, como era não pertencer a um lugar, como era ser um peixe fora d'água em um mundo de expectativas e responsabilidades que você não se sentia preparado para enfrentar. Ainda no dia anterior...

Ora, isso não tinha a ver com ele, mas com Rosy. E com a mãe deles também, soubesse ela ou não. Mas, considerando a forma

atenta com que observava a conversa, talvez ela soubesse. Será que *ela* se sentia da mesma forma ao providenciar uma temporada de eventos sociais para Rosy em Londres?

Não importava. Ele precisava protegê-las, mesmo que isso significasse atirá-las no mundo real. Sua mãe ainda estava de luto pelo marido, então seria fácil justificar o sumiço dela por um tempo, mas Rosabel precisava encontrar um marido, agora que o período de luto dela chegara ao fim. Era a única forma que Geoffrey tinha de garantir que ela não acabaria pior do que estava. Na Inglaterra, um marido com um título de nobreza era a melhor proteção que o dinheiro poderia comprar.

– Tem razão – concordou ele. – Aquele concerto foi difícil. Mas nenhum de nós estava preparado, já que nunca tínhamos ido a um evento tão grandioso em Newcastle. É exatamente por isso que precisamos contratar pessoas para ajudá-la... nos ajudar.

Ele forçou um sorriso.

– Para que não desperdice outro evento social escondida em um canto em que ninguém possa notá-la. E você ouviu o que a amiga da mamãe disse: a empresa da Sra. Pierce, a tal Ocasões Especiais, pode garantir isso.

Ele não chegara à cidade a tempo de pesquisar os futuros parceiros de negócios, como sempre fazia. Contudo, mesmo que houvesse tido essa chance, não teria mudado nada. Londres era diferente: ali ele não tinha amigos, exceto alguns engenheiros, e nenhum deles frequentava a alta sociedade. Porém, como a Sra. Pierce o surpreendera ao aceitar seu pedido e marcar um horário para que ela e sua equipe o recebessem naquele dia, ele aproveitaria a chance para descobrir sobre a empresa pessoalmente. No último minuto, resolvera levar junto a mãe e a irmã, o que já deveria ter planejado desde o início.

Ser o irmão mais velho começava a cansá-lo.

Rosy baixou o olhar para fitar as próprias mãos.

– Não preciso de uma temporada de eventos sociais. Eu poderia muito bem passar o resto da vida em casa com você e a mamãe. Ou poderia acompanhá-lo a qualquer lugar onde queira construir túneis ou pontes, essas coisas. Posso cuidar da casa para você.

Isso estava fora de cogitação. Infelizmente, ele nem ousaria dizer a ela por quê. Rosy não era dada a conversas, mas, se cometesse um deslize e revelasse a verdade sobre o pai à mãe ou qualquer outra pessoa...

Ele estremeceu só de pensar. Ao perceber que a mãe notara sua reação, ele estendeu a mão para pegar a da irmã.

– E quando eu for para a Bélgica e precisar ficar lá meses a fio? E a mamãe? Você a deixaria sozinha quando eu não pudesse estar com ela?

– Por favor, me deixe fora disso – pediu a mãe. – Já tentei e não consegui convencê-la sobre a ideia da temporada de eventos sociais.

Ele apertou as mãos de Rosy.

– De toda forma, você merece uma casa sua, bonequinha, com um marido e filhos que ame. Realmente acredito que vai encontrar alguém que combine com você se puder se preparar para uma temporada em Londres. Eu me atrevo a dizer que, assim que conhecer a equipe da Ocasões Especiais e se sentir à vontade, já será meio caminho andado.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Alguma vez me viu à vontade com estranhos?

– Não – concordou ele. – Mas talvez esteja na hora de aprender.

– Para que eu possa dançar com uma fila de cavalheiros que só estão interessados na minha fortuna?

– Isso é ridículo. Você é uma moça linda.

Ela puxou a mão para soltá-la da dele.

– Você tem que dizer isso porque é meu irmão. Mas sou corpulenta e já notei que os cavalheiros não gostam de mulheres assim.

– Eu gosto.

– Não conta. Repetindo: você é meu...

– Irmão. Certo. Só estou mostrando que homens gostam de mulheres de todos os tipos, incluindo o seu.

A mãe deles deu um tapinha no braço da filha.

– Lorde Winston Chalmers pareceu achá-la bem atraente no concerto. Por qual outro motivo ele teria ido visitá-la no dia

seguinte?

– Porque ele e eu adoramos Beethoven. Ele só falou sobre música e poesia. Ah, e arte.

Ela corou.

– Ele estava muito interessado no meu caderno de desenho.

– Aposto que estava – murmurou Geoffrey.

Rosy se encolheu.

– O que quer dizer?

Ele precisou morder a língua para não dizer que as damas costumam amar arte, música e poesia, então o cretino se preparara, como qualquer bom caça-dotes.

Como ele continuou em silêncio, ela ficou pálida.

– Agora, a verdade apareceu. Acha que nenhum homem da alta sociedade vai me querer como esposa, a não ser por causa do meu dote.

Com uma ponta de desespero na voz, ela abaixou o olhar para o vestido.

– Eu certamente sou entediante e roliça demais para que um homem como lorde Winston se interesse por mim.

– Perdão, meu anjo, não foi isso que eu quis dizer. E, se eu a achasse maçante ou se achasse que ser “roliça” é um defeito, por que estaria disposto a gastar o que provavelmente vai ser uma fortuna na Ocasões Especiais, apenas para que você se sinta mais à vontade na sua maldita temporada?

– Olhe a boca, Geoffrey – murmurou a mãe, como fazia pelo menos cinquenta vezes por dia nos últimos tempos.

Rosy se limitou a olhar pela janela.

Geoffrey cerrou os dentes. Se, pelo menos, ele também pudesse olhar para fora... Bem, agora não adiantava mais. Já tinham cruzado a ponte havia muito. Depois que estivessem acomodados na Casa Grenwood, teria que fazer uma viagem para vê-la.

Forçando-se a voltar ao assunto em questão, ele disse:

– Quanto a lorde Winston, você é boa demais para tipos como ele. Fiz umas perguntas sobre o sujeito. Não deixe que o título de lorde a engane: ele é apenas o quarto filho de um marquês, por isso só recebe uma mesada, nada mais, e nem é muito alta.

A jovem empalideceu e a mãe pareceu surpresa.

– Vocês não sabiam disso, sabiam? – acrescentou ele.

– Não importa.

Rosy fungou.

– Você o afugentou e, de qualquer forma, não vou vê-lo de novo mesmo.

Parecendo nervosa, ela puxou o vestido justo, recusando-se a encarar o irmão.

Isso o deixou preocupado.

– Não posso evitar que ele seja convidado para os bailes e festas de outras pessoas. Apenas quis preveni-la sobre ele e outros do mesmo tipo.

Rosy se virou para a mãe.

– *A senhora* entende, não entende, mãe? Papai abriu mão de tudo para se casarem. Não que lorde Winston quisesse necessariamente se casar comigo. Eu nem esperava isso, mas se ele quisesse...

– Eu não imaginava que Geoffrey já tivesse investigado a reputação do homem – disse a mãe. – Mas, como investigou, concordo com seu irmão. Devemos ter cuidado com o sujeito. Com *todos* os cavalheiros, para ser sincera.

A mãe soltou o ar.

– Quanto a seu pai... não pode compará-lo a lorde Winston. Diferente de você, eu não tinha fortuna. Isso foi antes de meu pai ficar tão rico. Então, não havia nada além de mim. Já lorde Winston... Ora, você mal o conhece. Não vai fazer mal ser apresentada a mais alguns cavalheiros antes de tomar uma decisão.

– É só o que estou dizendo – completou Geoffrey. – Por tudo o que fiquei sabendo, lorde Winston é conhecido por sua habilidade em levar as mulheres para a cama.

– Geoffrey! – ralhou a mãe. – Meu Deus do céu!

– Desculpe – disse ele, embora não estivesse arrependido. – Só de ficar perto dele, pode manchar sua reputação, Rosy. E eu odiaria que isso acontecesse quando você tem um futuro brilhante pela frente.

Rosy lançou um olhar triste para ele.

– Admita: você despreza homens assim por causa do papai. Sempre diz que as pessoas da alta sociedade agem como se fossem melhores do que os outros, da mesma forma que papai fazia às vezes. Mas você é tão ruim quanto ele: falando com o vovô sobre os “ricos” de Londres como se não tivesse nascido para ser um, dizendo que eles não fazem ideia de como é o mundo. São dois lados da mesma moeda. Você se acha superior a eles e eles se acham superiores a você. Agora que é um duque, pode se achar melhor e eles não se *atrevem* a menosprezá-lo.

Aquilo doeu, em parte porque era verdade. Ele e o falecido avô compartilhavam a fascinação pela engenharia civil, por isso Geoffrey – e não seu pai – acabara sendo sócio da Stockdon & Filhos, embora o avô tivesse deixado a empresa para seu pai no testamento. Mas quem poderia ter adivinhado que seu pai, que era apenas o terceiro filho de um visconde, herdaria o ducado de Greenwood se não fosse por sua morte prematura? E que Geoffrey acabaria herdando o ducado de seu primo distante?

De repente, Geoffrey se tornara dono de uma propriedade ducal – o castelo Greenwood, em Yorkshire – e de um chalé de caça em Richmond. Também havia a Casa Greenwood, em Londres, em frente ao Hyde Park, que ele mais tarde descobrira ser destinada aos solteirões da família Brookhouse. Ainda não tivera a chance de conhecê-la, ocupado demais com reuniões sobre a construção da eclusa de Teddington, embora sua intenção fosse usar a Casa Greenwood como residência principal da família enquanto a mãe e Rosy desfrutassem a temporada de eventos sociais da capital. O chalé de caça ficava longe demais, nada prático para o debute da irmã.

Quando sua carruagem de viagem parou, ele olhou para fora e deduziu que tinham chegado a seu destino. Pegou seu relógio de bolso e viu que eram dez da manhã. Pelo que sabia, não era cedo demais para uma reunião de trabalho na cidade.

Um cavaliariço veio correndo pegar os cavalos e um dos seus lacaios colocou o degrau para que todos descessem da carruagem. Geoffrey pediu que o lacai esperasse. Precisava terminar a conversa com Rosy antes de entrar.

– Vou lhe dizer uma coisa, bonequinha. Se concordar em participar do seu debute nesta temporada e se esforçar, caso não encontre um marido de quem goste, ou não consiga ficar à vontade nos eventos, ou acabe ficando infeliz no final, prometo que não vou insistir mais. Só peço uma temporada. Depois disso, você poderá fazer o que quiser. Só dê uma chance. Por mim. E por mamãe, claro.

Ela o fitou com olhos semicerrados.

– E se, no final, eu decidir que quero me casar com lorde Winston, supondo que ele peça a minha mão?

Ele ficou furioso só de pensar em tal coisa, mas de que outra forma a convenceria a se esforçar em seu debute? E ele tinha esperança de que, após conhecer vários cavalheiros respeitáveis, ela não pensasse mais em lorde Winston.

– Aí seria escolha sua – disse ele, tentando não engasgar com as palavras. – Mas ele ainda não tem permissão para visitá-la até que você tenha uma apresentação decente à sociedade.

Ela inclinou a cabeça, como se avaliasse se ele falava sério. Então assentiu como uma princesa que lhe concedesse um favor.

– Você jura, Rosabel Marie Brookhouse? – questionou Geoffrey.
– Pelo túmulo de papai?

– Geoffrey! – exclamou a mãe. – Ela não deveria ter que fazer um juramento, muito menos pelo túmulo de Arthur. Não é de bom tom para uma dama da sociedade.

Ele bufou. Como se a mãe tivesse ideia do que uma *dama da sociedade* devesse fazer, embora não fosse falar isso para ela de forma alguma. Graças a seu pai, boas maneiras eram importantes para ela.

– Eu lhe dou minha palavra de honra – garantiu Rosy, com primor.

Geoffrey se segurou para não rir.

– Você nem sabe o que isso quer dizer.

Isso fez com que ela relaxasse um pouco.

– Tudo bem. Então eu juro, pelo túmulo de papai, que me esforçarei no meu debute. Certo?

Era uma bandeira branca que ela queria oferecer.

– Isso será ótimo, meu anjo.

Agora, ele só teria que ter esperança de que *algum* cavalheiro respeitável pedisse a mão dela em casamento antes do fim da temporada.

Depois de saltar da carruagem, ele ajudou as duas a descenderem. Quando se virou, percebeu que o escritório da Ocasões Especiais funcionava em uma imponente casa em uma rua elegante na Grosvenor Square. Que peculiar. Porém, como a empresa era gerenciada por uma mulher, talvez ela preferisse uma apresentação mais “distinta”.

Ele acompanhou a mãe e a irmã pelas escadas até a entrada principal. Quando chegaram ao topo e ele bateu, a porta continuou fechada. Ele bateu de novo. Nada. Apenas na terceira batida atenderam. Quem abriu a porta foi um mordomo bastante antipático, sobretudo depois de olhá-los de cima a baixo e, aparentemente, julgá-los inferiores.

– Sou Greenwood – apresentou-se Geoffrey. – Estou aqui para uma reunião com a Sra. Pierce, da Ocasões Especiais.

Isso não fez com que o sujeito mudasse em nada sua expressão.

– Esperem aqui.

Quando o mordomo fez menção de fechar a porta, Geoffrey colocou o pé na frente para impedir.

– Ela está à nossa espera.

Pareceu que o mordomo ia contestar, mas então suspirou.

– Muito bem.

Ele abriu mais a porta e fez um gesto para que o grupo entrasse.

– Preciso falar com minha patroa. Ela e as irmãs presumiram que fossem chegar mais tarde, durante o horário habitual de visitas.

Irmãs? Será que estava no lugar errado? Não. Considerando o mau humor do mordomo, ele os teria mandado embora se estivesse. Em vez disso, o homem puxou um laçao para o canto e sussurrou algo no ouvido dele, então o rapaz subiu as escadas correndo.

Geoffrey encarou o mordomo.

– Não se trata de uma visita social, como deve saber. E esta é uma hora *habitual* para se tratar de *negócios*, concorda?

– Claro, Vossa Graça.

O empregado o fulminou com o olhar.

– Mas as damas ficaram acordadas até tarde ontem, em um evento importante para um cliente importante.

– Está tudo bem, Geoffrey – interrompeu a mãe, antes que ele pudesse perguntar quem poderia ser mais importante do que um duque. – Acho que a Gunter’s fica aqui perto e já tem um tempo que quero experimentar os sorvetes de lá e descobrir se são tão bons como todo mundo diz. Podemos voltar um pouco mais tarde.

Ele percebeu o constrangimento na voz da mãe e isso o deixou furioso. Respondeu a ela, ainda encarando o mordomo:

– Não vamos embora. E, se formos, não voltaremos.

– Por mim, tudo bem – opinou Rosy, baixinho.

Maldição.

– Tem algum lugar onde possamos esperar? – indagou ao mordomo, os dentes cerrados.

– Queiram me acompanhar. Tenho certeza de que as damas estarão aqui embaixo a qualquer instante.

O alto e imponente mordomo pediu chá, depois os conduziu até uma sala de estar muito bem decorada, com mobília fina e tão adequada quanto uma folha de jornal para aguentar um homem do tamanho dele. Entre os móveis e as cortinas de tafetá amarelas, o duque se sentiu como um peixe fora d’água. Tudo ali era mais elegante do que qualquer lugar que Geoffrey tivesse visto em Newcastle. Elegante demais para ele.

A casa e os escritórios do avô eram mobiliados com o bom e sólido carvalho inglês, itens de couro e acessórios de bronze polido: a casa de um homem e o local de trabalho de um homem. Talvez fosse diferente na época da avó, mas Geoffrey nunca saberia, pois ela morrera dando à luz sua mãe. Talvez ela tivesse escolhido mobílias como as daquela sala ali, mas, por algum motivo, ele duvidava. Ela era filha de fazendeiro e se casara com um siderúrgico.

Enfim, Geoffrey achou o lugar suspeito. Quanto mais esperava, caminhando pelo requintado tapete francês, mais irritado ficava. Que tipo de negócio essas damas dirigiam? Ele era um duque, pelo amor de Deus! Duques devem ser bem recebidos em qualquer lugar

– pelo menos, era o que diziam. Ainda assim, o mordomo da Sra. Pierce tratara a ele e sua família como se eles estivessem impondo sua presença na Ocasões Especiais ao tentarem fazer negócios com a empresa.

Nenhum homem à frente de um empreendimento sairia impune com tais práticas. Geoffrey esperara que o escritório da empresa fosse um tipo de loja, não a casa de alguém. Então lembrou que o mordomo mencionara que as damas eram irmãs e considerou que a conexão familiar devia explicar o fato de trabalharem em uma casa.

Por fim, uma criada trouxe chá, mas Geoffrey estava irritado demais para tomar. Sem dúvida, esse tratamento precário que estavam recebendo era porque a empresa tinha descoberto que ele era quase um plebeu. Ou, pior ainda, que ele *trabalhava*.

Enquanto sua mãe e Rosy tomavam chá, ele se encaminhou até uma janela. Sua fúria aumentou ao ver que um cavaliço mantinha sua carruagem na frente da casa, aparentemente à espera da liberação do mordomo para levá-la em direção aos estábulos.

Como ousavam? A Sra. Pierce havia concordado com essa reunião, pelo amor de Deus. Não era culpa *dele* se ela achava que ele chegaria mais tarde.

Estava quase decidido a ir embora quando sua mãe sussurrou:

– Geoffrey.

Ele se virou para a porta e ficou sem palavras. Porque ali, emoldurada pela luz do sol, estava a criatura mais linda que ele já vira.

Sim, o cabelo cheio castanho-avermelhado parecia ter sido preso às pressas em um penteado simples e a forma como seu cenho estava franzido ao olhar para ele e sua família maculava a perfeição da testa cor de pérola. Mas ele só conseguia encará-la. Como um aprendiz de engenheiro ao se confrontar pela primeira vez com uma ponte esconsa, Geoffrey queria descobrir como todas as partes dela se encaixavam para criar algo tão magnífico.

Além de ser escultural, a dama tinha partes que não eram assim tão únicas: afetuosos olhos castanhos, rosto atraente com delicadas sardas no nariz e as curvas – ou quanto ele conseguia ver delas – necessárias para uma mulher. O simples fato de ele querer ver mais era perturbador. Assim como a forma como a mulher fez

seu pulso acelerar, começando com um latejar nas têmporas, que desceu direto para a virilha.

Isso nunca tinha acontecido com ele, pelo menos não assim que conhecia a pessoa. Porém, dadas as circunstâncias, seria imprudente, para dizer o mínimo, dar atenção a esse fato ou considerar fazer algo a respeito.

Ela entrou na sala e lhe estendeu a mão.

– O senhor deve ser Greenwood.

– E a senhorita deve ser a proprietária da Ocasões Especiais.

Ele pegou a mão dela e apertou por um instante a mais. Tinha tirado as luvas e ela tampouco as usava. O contato com a pele dela fez com que o pulso dele acelerasse ainda mais, o que era absurdo, claro.

– Sra. Pierce, certo?

Levantando uma das elegantes sobrancelhas, ela soltou a mão.

– Proprietária errada. Sou lady Diana Harper.

Ele ficou tenso.

– A senhorita tem um título?

Por Deus, deveria ter gastado mais tempo pesquisando sobre a Ocasões Especiais. E, considerando a forma como se retesou, ela concordava com ele.

– Não entendo por que está aqui se não sabia disso.

Embora o nome dela soasse familiar, por alguma razão, ele não conseguia lembrar onde o escutara.

Sua mãe os interrompeu:

– Perdão. Estamos um pouco adiantados. Sou a Sra. Arthur Brookhouse. Meu filho marcou esta reunião porque uma grande amiga minha recomendou sua empresa. Acho que alguém da família dela usou seus serviços. Enfim, ela só nos deu o nome “Sra. Pierce” ao nos explicar como encontrá-las em Mayfair. Suponho que a Sra. Pierce trabalhe para a senhorita, correto?

– Não exatamente. Eliza Pierce é minha irmã viúva. Esta é a casa dela. Minha outra irmã é lady Verity Harper. Nós três dirigimos o negócio juntas, mas minhas irmãs ainda estão se vestindo. Os senhores nos pegaram de surpresa. Nós os esperávamos mais tarde.

– Foi o que nos disseram – comentou Geoffrey. – Como todos os negócios abrem cedo, presumi que as senhoras estariam disponíveis.

A expressão congelada dela mostrou que ele a deixara na defensiva. Isso lhe deu certa satisfação.

– A nossa empresa é única – explicou lady Diana em um tom irritado. – Grande parte do nosso trabalho exige que estejamos presentes em eventos sociais até altas horas. Então, espero que compreendam por que não funcionamos no horário habitual para os negócios comuns durante a temporada.

– Claro – respondeu a mãe, lançando um olhar de advertência para o filho. – Como poderiam? E estamos muito felizes por nos receberem hoje.

Lady Diana sorriu para a mulher. Aparentemente, ela só não sorria para ele, pois abriu um sorriso ainda mais radiante para Rosy. Cada centímetro do corpo dela se suavizou, como se ela pudesse perceber que a irmã dele não estava à vontade.

– A senhora deve ser a duquesa – supôs ela, com simpatia.

Antes que ele pudesse corrigi-la, Rosy pestanejou, depois soltou uma gargalhada nervosa.

– Deus me livre! Geoffrey, o duque, é meu irmão. Ele gostaria que a senhorita me ajudasse com meu debute.

Lady Diana pareceu ficar estranhamente constrangida.

– Por favor, me perdoem. Minha irmã não me disse exatamente a quem iríamos ajudar.

– É um erro perdoável – assegurou Geoffrey. – Não causou nenhum mal.

Ela o fitou como se tentasse decifrá-lo.

– Então, é por isso que o senhor e a sua mãe vieram aqui com sua irmã?

Ele assentiu.

– Deixe-me explicar. Nós... digo... Rosy... Rosabel...

– Minha filha é tímida, lady Diana – contou a mãe, olhando para ele perplexa. – Ela não está acostumada com a alta sociedade. Na verdade, nenhum de nós está. Meu falecido marido era o terceiro filho do visconde de Brookhouse, mas nunca fizemos parte do mundo da nobreza. Levávamos a nossa vida feliz, em Newcastle,

até o falecimento de meu marido. Logo depois, um duque, primo distante dele, morreu também e Geoffrey herdou o ducado do nada. Agora estamos nesta situação.

Ela olhou para o filho.

– Certo?

– Isso resume bem – disse ele, aliviado ao ver a mãe explicar tudo.

Lady Diana o deixava nervoso com sua beleza, seus modos perfeitos e seus sorrisos difíceis de conquistar.

Lady Diana o encarou.

– Ah, o senhor é esse duque.

Ele ficou tenso.

– O que quer dizer?

– No ano passado, falou-se muito sobre um herdeiro do duque de Greenwood, mas eu tinha esquecido, principalmente porque os boatos sobre quem era o herdeiro eram bem desencontrados. Alguns diziam que ele era americano, de modo que ninguém o conhecia. Outros diziam que a família Brookhouse o deserudara por ser um canalha e só tinha deixado o título de duque para ele porque não havia como negá-lo. O boato mais afrontoso era um que dizia que ele estava bem embaixo do nosso nariz, trabalhando como engenheiro em Newcastle.

– O último é verdadeiro – informou Rosy com um tom alegre.

Todos olharam para ela.

– E um pouco do segundo também – acrescentou ela. – Bem, Geoffrey não é um canalha, e quem foi deserdado foi nosso pai, mas isso aconteceu antes de eu nascer.

Ela deve ter percebido que todos a fitavam, porque indagou:

– O que houve?

Lady Diana riu.

– Então, definitivamente não é americano? Só para me certificar.

Rosy piscou, então balançou a cabeça, fechando-se da forma que sempre fazia quando recebia a atenção de estranhos.

Lady Diana se virou para a mãe deles.

– A senhora disse que ela é tímida?

– Parece que nem sempre – declarou Geoffrey, seco. – Ou, pelo menos, não com a senhorita.

– Isso certamente facilita as coisas – comentou lady Diana. – Considerando que queiram contratar nossos serviços.

Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou:

– Ah, aqui estão minhas irmãs, finalmente.

Enquanto ela fazia as apresentações, o duque chegou à conclusão de que nenhuma das duas era tão atraente quanto lady Diana. Sim, a Sra. Pierce era loira, tinha olhos azuis e um corpo cheio de curvas, uma combinação que ele costumava admirar, mas era baixa demais. Considerando sua altura, ele pareceria um gigante ao lado dela. Quanto a lady Verity, o cabelo era levemente mais escuro do que o da Sra. Pierce, tinha olhos verdes e, embora fosse tão alta quanto lady Diana, era magra demais.

Ele gostava de mulheres que tinham carne, sobretudo na hora da cama. Não queria pensar que esmagaria a companheira cada vez que se deitasse sobre ela. E, apesar da elegância de lady Diana – algo que ele sempre associara a fragilidade –, ela parecia capaz de suportar seu peso.

Ele bufou. Já estava pensando como um duque, analisando possíveis esposas para carregar seu herdeiro, peneirando-as até encontrar a que considerasse mais atraente. Mas nenhuma das mulheres ali era remotamente aceitável, mesmo que ele estivesse planejando se casar, o que não estava. Pelo menos, não em breve. Podia ser um duque, mas elas estavam muito à frente dele em questão de modos, educação e todas as outras coisas que importavam para pessoas feito elas. Não o olhariam duas vezes, mesmo que planejassem se casar, o que parecia não ser o caso, já que haviam aberto um negócio.

Era uma pena ele achar lady Diana tão bonita. De fato, se o trio de irmãs não tivesse sido tão altamente recomendado, ele daria meia-volta e sairia dali naquele instante. Mas, pela forma como a mãe e Rosy conversavam, animadas, podia perceber que tinham gostado delas, o que contava muito.

Após vários minutos de discussão, lady Diana sussurrou algo para as irmãs. Então a Sra. Pierce perguntou se a mãe deles gostaria de conhecer a casa, convite que ela aceitou prontamente.

Enquanto as duas se afastavam, lady Verity chamou Rosy para experimentar alguns dos doces do evento da noite anterior. A jovem nunca rejeitava um doce, então assentiu e as duas saíram também.

Ele e lady Diana foram deixados a sós, obviamente de propósito. Então, quando ela acenou para que ele se sentasse, ele o fez, embora com relutância. A maldita poltrona era tão frágil quanto parecia.

Lady Diana sentou na ponta da cadeira em frente a ele com a graça de um cisne.

– Devo pedir mais chá, Vossa Graça?

– Não é preciso. Isso não deve demorar.

Franzindo a testa, lady Diana apanhou uma prancheta, do tipo que ele costumava usar nas obras. Quando ela pegou um lápis e lambeu a ponta dele, uma imagem fugaz e muito libidinosa tomou conta da cabeça de Geoffrey. Ele a afastou na mesma hora.

– Espero que não se importe em conversarmos em particular – disse ela. – Prefiro apresentar os serviços que oferecemos sem que haja três pessoas fazendo perguntas. Assim é mais rápido. O senhor pode me dizer que tipo de ajuda deseja de nós para o debute de sua irmã?

Ele dobrou a perna sobre o joelho.

– Não entendo o suficiente de debutes para dizer nem isso.

Lady Diana assentiu, como se aquilo não fosse raro.

– No mínimo, acredito que espere que a preparemos para a apresentação à rainha.

– Certamente. Quer dizer, tenho consciência de que ela deve ser apresentada, mas não sei o que isso implica.

Sentindo-se travesso, ele perguntou:

– Há uma orquestra durante a apresentação? Rosy tem que acenar para a rainha do outro lado de um salão? Ou fazer uma série de medidas? Ou isso é a rainha quem faz?

Ela o fitou, desconfiada.

– O senhor não está levando isso a sério, está?

– Estou, sim. Mas é tão fora da minha realidade que não sei nem o que perguntar.

– O senhor prefere que sua mãe participe da conversa?

– Não será ela quem vai pagar a conta.

A jovem estremeceu quando ele fez menção ao pagamento.

– Além disso, infelizmente, minha mãe sabe tanto de debutes quanto eu. Ela nasceu em uma família de siderúrgicos e foi criada entre homens. Nenhum deles sabia porcaria nenhuma sobre debutes e moda feminina.

O linguajar dele fez com que ela franzisse a testa.

– Entendo. Então, o senhor nos procurou para garantir que sua irmã tenha sucesso ao ser apresentada à sociedade.

– Sim. Mas, antes de começar a discutir isso, preciso falar algumas coisas sobre Rosy.

Um esboço de sorriso cruzou os lindos lábios dela.

– O senhor já disse que ela é tímida.

– Ela é, apesar de ter me surpreendido com os comentários diretos sobre os boatos tolos alimentados pela alta sociedade.

– Só pela alta sociedade? – questionou ela. – O senhor entende que existe fofoca em toda aldeia, vila ou cidade da Inglaterra e, provavelmente, do mundo? Ou está dizendo que os siderúrgicos de Newcastle nunca fofocam?

Ele não poderia afirmar isso, considerando os boatos que começaram a circular depois da morte de seu pai. O pior deles afirmava que o próprio Geoffrey matara o pai para colocar as mãos no ducado, o que era um absurdo. Para começar, o ducado viera *depois* da morte do pai e ele não fazia ideia de que o herdaria. Além disso, Geoffrey devolveria o ducado se pudesse. Mas, se os poderes constituídos insistiram em nomeá-lo duque, achava que deveria aceitar o que quer que viesse com a droga do título, que não era tanto quanto as pessoas achavam.

– Não estou dizendo que nunca fofocuem – defendeu-se. – Só que estão ocupados demais colocando comida na mesa de suas famílias para se preocupar com essas coisas. Isso não está tão entranhado neles como está nas pessoas em Londres.

– Entendo. Então, são siderúrgicos com muitos princípios.

Ela fez uma anotação em seu caderno.

Ele se inclinou para a frente.

– O que a senhorita está escrevendo aí?

– O necessário para que eu entenda a situação peculiar de sua família, de modo que possa fazer o melhor por sua irmã. Além disso,

fiz uma anotação para que minhas irmãs e eu passemos a chamá-la de lady Rosabel.

– Por quê? Fui eu que herdei o maldito título.

Isso fez com que ela anotasse algo mais no caderno. Ele só podia imaginar o que estava escrito, provavelmente algo como: *fazer Sua Graça medir suas palavras*. O que só lhe dava ainda mais vontade de praguejar.

Quando ela levantou o olhar para fitá-lo de novo, seus lábios formavam uma fina linha.

– As regras para se usar títulos têm suas idiossincrasias e uma delas é que, quando um homem herda um título, seus irmãos passam a ser chamados da forma que seriam se o pai tivesse vivido para usar o título. Supondo que o senhor tenha passado por todo o processo formal. Caso não tenha, devemos fazer isso imediatamente.

– Não passei. Mas, se a senhorita acha que isso aumentará as chances de Rosy, então façamos. Isso torna minha mãe uma duquesa viúva, então?

– As regras não se estendem à sua mãe, porque ela entrou na família pelo casamento. Apenas à sua irmã. Então, sua mãe continua sendo a Sra. Brookhouse, mas sua irmã agora é lady Rosabel Brookhouse.

– Isso não faz o menor sentido.

– As regras não foram feitas para as circunstâncias pouco comuns em que sua família se encontra. Nesse caso, elas realmente parecem sem sentido.

– Para dizer o mínimo.

Ele olhou a hora e viu que já estavam ali havia 45 minutos. Levantou-se e se pôs a andar de novo.

– Vou me apressar, já que o senhor parece impaciente.

– Como percebeu? – disse ele, com sarcasmo. – O tempo que estou aqui seria suficiente para projetar uma ponte.

– Uma ponte inteira?

Ela usou o mesmo sarcasmo dele.

– Ou o senhor é um engenheiro muito talentoso ou esperou por mim muito mais tempo do que percebi. Eu não teria desenhado nem um único vestido nesse tempo.

As palavras ácidas o pegaram de surpresa. Ela certamente tinha mais coragem do que qualquer outra mulher da sociedade que ele conheceria.

– Eu... posso ter exagerado um pouco.

– Imagine isso... um homem exagerando. Nunca vi acontecer.

Ela apontou o lápis para ele.

– Veja bem, se o senhor está sendo sincero em querer nossa ajuda, precisamos ter certeza do que precisa e me parece que o senhor não sabe direito.

Ela lambeu a ponta do lápis e ele conteve um gemido. Enquanto ela escrevia mais alguma coisa no caderno, ele fitou a linda boca, imaginando como seria beijar aqueles lábios cheios e sedutores.

Quando ela voltou a falar, ele precisou de um momento a mais para conseguir assimilar o que ela dizia.

– Então, talvez eu deva enumerar todos os serviços que oferecemos para garantir que uma jovem dama tenha o melhor debute possível. A partir daí, o senhor pode escolher quais gostaria que oferecêssemos a ela.

– Muito bem.

– Gostaria de se sentar enquanto leio a lista?

– Prefiro ficar de pé. Fico inquieto sentado. Principalmente em uma poltrona frágil como essa.

Ele apontou para onde estivera sentado.

– O senhor andando de um lado para o outro *me* deixa inquieta – respondeu ela. – Não se engane por essa poltrona. Ela foi construída para aguentar até homens robustos como o senhor.

– Se a senhorita está dizendo... – resmungou ele e se sentou de novo. – Podemos prosseguir?

– Claro.

Ela pegou outro caderno e começou a ler.

– Em geral, quando ajudamos uma jovem dama em seu debute...

E assim Geoffrey começou a entrar no inferno.